**Esquerdas, trabalhadores e tempo**

**livre em Montevidéu, resenha do livro**

“*Montevideo, ciudad obrera. El tiempo livre desde las izquierdas (1920-1950)*”

Jhonatan Uewerton Souza[[1]](#footnote-1)

*Leningrado, La Internacional, La Comuna, Soviet, Guardia Roja, Hacia la Igualdad, Campesino, Alas Rojas, Libertad, Vanguardia, Fraternidad, Los Rojos* e *Trotzky F. C.* eram os nomes de algumas das equipes que disputavam o campeonato de futebol organizado pela *Federação Roja del Deporte* do Uruguai, entidade vinculada à Associação Internacional Comunista de Esportes e Ginástica – ou, simplesmente, Internacional Comunista do Esporte (*Sportintern*) – na década de 1920. O torneio é uma das iniciativas alternativas de lazer promovidas pelas esquerdas uruguaias na primeira metade do século XX analisadas por Rodolfo Porrini Beracochea em seu livro “*Montevideo, ciudad obrera: el tiempo libre desde las izquierdas (1920-1950)*”.

Professor titular do departamento de história da *Universidad de la República* (Udelar), Rodolfo Porrini, como costuma assinar, é um experiente historiador dos mundos do trabalho no Uruguai, com diversas publicações de relevo sobre o assunto (PORRINI, 2005). A obra aqui resenhada é resultado de sua tese de doutorado, defendida em 2012, na *Universidad de Buenos Aires* (UBA), com o título “*Izquierda uruguaya y culturas obreras em el “tempo libre”: Motevideo (1920-1950)”*, sob orientação de Mirta Zaida Lobato. Laureada nos *Premios Anuales de Literatura* (2014) concedidos pelo *Ministerio de Educación y Cultura* do Uruguai, a tese foi publicada em formato de livro, com algumas modificações, em 2019, no bojo da coleção *Biblioteca Plural*, empreendida pela editora da Udelar em parceria com a *Comisión Sectorial de Investigación Científica* (CSIC). Nos anos que separam a defesa da tese e sua edição em livro, Porrini publicou um conjunto de artigos em revistas acadêmicas brasileiras e latino-americanas abordando aspectos variados da investigação, de modo que os argumentos centrais da obra não serão uma completa novidade para os estudiosos do assunto, ainda que ganhem no livro um tratamento mais detalhado e sistêmico (PORRINI, 2011, 2012, 2013a, 2013b, 2016, 2020).

Na primeira metade do século XX, Montevidéu assistiu ao crescimento vertiginoso de sua classe trabalhadora, ao surgimento de bairros operários, à multiplicação de espaços de lazer na esteira da ampliação do tempo livre dos trabalhadores – graças à conquista progressiva da jornada de 8 horas, do descanso semanal e do direito a férias – e, simultaneamente, ao desenvolvimento de uma militância anarquista, socialista e comunista – que será tratada no livro como “esquerdas internacionais”, em oposição às frações de esquerda de blancos e colorados, as “esquerdas nacionais” do Uruguai, que não são objeto de escrutínio na obra. O problema central do livro é analisar a forma como anarquistas, socialistas e comunistas disputaram esse tempo livre emergente entre os trabalhadores e como viram as culturas *obrero-populares* existentes na capital uruguaia, as razões dessa maneira de ver e as explicações mobilizadas para sustentar seu ponto de vista. Conforme Porrini, essa relação foi, a um só tempo, tensa e dialógica, comportando momentos de afastamento e outros de aproximação, além de mudanças significativas nas posições e atitudes no decorrer das três décadas abarcadas pelo estudo.

Para levar a empreitada adiante, o autor mobiliza uma documentação ampla e diversificada, que vai dos periódicos militantes à literatura produzida por escritores de esquerda, passando pelas fontes orais, livros de memória, imprensa comercial e fotografias. Inspirado pelos pressupostos da história global do trabalho, Porrini coteja esse material de arquivo com o amparo de uma ampla bibliografia internacional, o que permite colocar o caso específico de Montevidéu em perspectiva com as experiências de cidades tão distintas quanto Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Santiago, Porto Alegre e Rosário, além de estimular análises transnacionais, como as articulações entre a *Federação Roja del Deporte* e a *Sportintern,* bem como o envio de delegações uruguaias para as Spartakiadas.

O diálogo é especialmente proveitoso com a historiografia do Cone Sul, de onde o autor retira categorias centrais para sua tese, como a noção de “cultura alternativa” desenvolvida pela historiografia argentina (SURIANO, 2001; LOBATO E SURIANO, 2003), ou o debate sobre as fronteiras entre cultura popular, cultura militante e cultura de classe travado no Brasil (BATALHA, 2004). Levando em conta que, como apontou recentemente Juan Andrade (2020a), a ausência de uma perspectiva comparada e transnacional é justamente uma das principais deficiências da historiografia que se debruça sobre as práticas recreativas de trabalhadores na América Latina, os esforços de Porrini nessa direção dão ao seu livro uma relevância que extrapola as fronteiras nacionais uruguaias, colocando questões que podem inspirar investigações em outras localidades, no melhor espírito daquilo que Giovanni Levi definiu como “ciência das perguntas gerais e das respostas particulares” (ALVES, 2013, p 250).

“*Montevideo, ciudad obrera*” se divide em seis capítulos, antecedidos por uma longa e erudita introdução. No primeiro, são analisadas as transformações pelas quais o Uruguai e, mais especificamente, Montevidéu passaram na primeira metade do século XX, quando a capital saltou de pouco mais 309 mil habitantes, em 1908, para 1.202.757, em 1963, concentrando impressionantes 46,3% da população uruguaia em seu território. Esse processo de urbanização foi acompanhado de uma ampliação do parque industrial, do assalariamento e do desenvolvimento dos bairros operários, dinâmica narrada detalhadamente por Porrini, que desconstrói a imagem corrente de um “país de classe média”, “a Suíça da América do Sul”. Nos marcos do reformismo batllista, uma série de direitos sociais são conquistados e a cidade passa por uma ampliação do sistema de transportes e das opções de lazer, com a construção de parques e da rambla, a ocupação das praias, o desenvolvimento do futebol, do carnaval, a multiplicação das publicações e espaços de leitura, os bares, cafés, boliches, teatros, cinemas e rádios – enfim, o amadurecimento de uma indústria do entretenimento e de uma cultura de massas, conceitos pouco evocados pelo autor.

O segundo e o terceiro capítulos são dedicados, respectivamente, a analisar a forma como as esquerdas viam as culturas operárias e populares, e os significados e meios mobilizados para construir uma cultura alternativa – as associações, palestras, programas de rádio, seções de cinema e, principalmente, a imprensa militante. De maneira geral, com especificidades entre anarquistas, socialistas e comunistas, é possível dividir o longo recorte temporal do estudo em dois momentos. O primeiro, que vai de 1920 até meados da década de 1930, foi marcado pela crença na possibilidade da revolução e por uma postura moralista em relação aos costumes e divertimentos populares, como o consumo de álcool, o carnaval e o futebol, entendidos como distrações que afastavam os trabalhadores da função principal do tempo livre: a formação e preparação para a revolução. De forma similar ao que ocorreu no Brasil (GUIMARÃES, 2009), a partir de meados da década de 1930 até os anos 1950 há uma mudança gradual nessas posições, a começar pelos comunistas, que abandonam a política de “classe contra classe” em benefício das frentes amplas antifascistas, com sua retórica nacional-popular, alcançando em seguida as novas gerações de socialistas e anarquistas que, em que pese a manutenção de um discurso moralista nos órgãos doutrinários, na prática passaram a conviver com o álcool nas reuniões militantes, integrar grupos carnavalescos e ajudar a fundar agremiações futebolísticas nos bairros operários. Os sonhos revolucionários dão lugar à ideia de bem-estar, impulsionada pelo novo contexto de industrialização por substituição de importação, e à expectativa de integração social. Especialmente interessante nessa análise é a constatação de que havia uma tensão geracional entre novos e antigos militantes, o que só foi possível verificar graças ao recurso à história oral. Os relatos dos entrevistados, em grande medida, contrastam com o tom dos periódicos, especialmente os socialistas e anarquistas, que são controlados pelos dirigentes partidários e tendem a preservar uma abordagem moralista sobre os divertimentos populares.

Os três últimos capítulos mergulham em aspectos específicos da “cultura alternativa” forjada pelos militantes de esquerda internacionalista em Montevidéu. O quarto capítulo é dedicado às práticas culturais desenvolvidas em espaços fechados, como os ateneus, escolas, universidades populares, bibliotecas e, especialmente, os festivais e saraus noturnos, que assumem uma centralidade só comparável aos piqueniques, tema do quinto capítulo, dedicado às diversões ao ar livre. Tanto os saraus, quanto os piqueniques eram grandes eventos, que poderiam envolver centenas de pessoas e contavam com uma programação diversificada, com palestras, peças de teatro, execuções musicais, bailes, jogos, além de momentos para a alimentação e, no caso dos piqueniques, o deslocamento ao campo e a fruição da natureza. Em ambos os casos, há uma lenta modificação na ênfase desses eventos, do proselitismo ideológico e das intenções estritamente pedagógicas, no início do século, para um espaço de sociabilidade, aberto aos bailes e costumes populares em meados do novecentos. Tudo isso sem abandonar a finalidade política dos piqueniques, saraus e festivais, enquanto momentos de aproximação com a população, recrutamento e formação de militantes.

Ocorreu algo similar em relação ao futebol, tema do capítulo derradeiro. Embora a prática esportiva fosse aprovada pelos militantes, em função dos seus benefícios à saúde e dos valores que estimulava, a espetacularização do futebol, o crescimentos das torcidas e os usos políticos e patrióticos das vitórias da seleção uruguaia nos Jogos Olímpicos e nas Copas do Mundo mereceram duras críticas das organizações de esquerda, que passaram a classificar essa prática de “esporte burguês” e trataram de fundar ligas esportivas paralelas, para fomentar valores alternativos aos das federações hegemônicas. Foi assim que surgiram instituições como a *Liga de Football dos Chauffeurs*, de influência anarquista, a socialista *Federación Democrática de Football* e a comunista *Federación Roja del Deporte*, essas últimas vinculadas a iniciativas internacionais patrocinadas por seus agrupamentos políticos. Aos poucos, entretanto, as organizações de esquerda foram reorientando sua relação com o “esporte burguês”, mantendo a critica aos dirigentes e aos políticos oportunistas, mas se aproximando das associações de atletas e mesmo celebrando vitórias, como a da Copa do Mundo de 1950, como conquista do “povo” uruguaio.

“*Montevideo, ciudad obrera*” é parte de um conjunto de publicações que, nos últimos anos, têm ampliado e aprofundado a discussão sobre a “vida fora das fábricas” (DECCA, 1987), para tomar emprestado a expressão cunhada por uma das referências desse campo de estudos no subcontinente (Cf: PASTORIZA, 2011; PEREIRA, 2020; HOLLANDA E FONTES, 2021; ANDRADE, 2020b). Porrini reproduz algumas ausências dessa bibliografia, como a falta de um olhar mais sistemático para as questões de gênero. A esse respeito, permanece atual a advertência lançada por Gareth Stedman Jones ainda na década de 1970: “*the relation between one half of the working class and 'leisure' remains to be explored*”[[2]](#footnote-2) (JONES, 1983, p. 77). O mesmo ocorre com as clivagens étnico-raciais e nacionais, que aparecem apenas esporadicamente no texto, além da ausência de um debate a respeito dos intercâmbios culturais entre o espaço urbano e rural na conformação das práticas de lazer. Embora debata a exclusão dos trabalhadores da “cidade balneário”, falta uma análise das condições de emergência e usufruto do direito às férias, e das relações estabelecidas entre trabalhadores, sindicatos, esquerda e o turismo, que em alguns países se massificava nesse período. Conceitos como cultura de classe, cultura popular e cultura militante aparecem de maneira excessivamente flexível, quando não nebulosa, no decorrer da obra. Finalmente, a opção por excluir as alas de esquerda de blancos e colorados – as “esquerdas nacionais” – do escopo da pesquisa deixa questões em aberto a respeito das especificidades uruguaias no debate sobre os usos do tempo livre.

Entretanto, nenhuma dessas observações, muitas delas relacionadas a recortes inevitáveis em um empreendimento dessa envergadura, diminuem os méritos da obra. O livro de Rodolfo Porrini é um dos estudos que foi mais fundo, até o momento, na investigação sobre os usos do tempo livre na perspectiva das esquerdas e da classe trabalhadora na região. E, por isso, merece ser lido pelo público brasileiro interessado em história social do trabalho e em história dos tempos livres, uma vez que abre novas perspectivas e lança interrogações que podem estimular outras agendas investigativas. A relevância dada aos conflitos entre novos e velhos militantes, por exemplo, indica que o conceito de geração pode ser tão proveitoso para pensar as clivagens no interior dos mundos do trabalho, quanto as noções de raça, gênero, etnicidade, nacionalidade e região. O esforço em estabelecer um diálogo comparativo com a bibliografia internacional e o olhar transnacional para iniciativas que têm como palco a cidade de Montevidéu é, ainda, do ponto de vista metodológico, uma amostra de execução bem-sucedida da interação entre o local e o global, uma das preocupações centrais da historiografia contemporânea.

**Referências**

**Obra Resenhada**

PORRINI, Rodolfo. **Montevideo, ciudad obrera. El tiempo livre desde las izquierdas (1920-1950).** Montevidéu: Ed. Universitarias, 2019.

**Bibliografia**

ALVES, Liete. A ciência das perguntas gerais e das respostas particulares: entrevista com Giovanni Levi. **Revista Territórios & Fronteiras**, vol. 6, n. 2. Cuiabá, 2013.

ANDRADE, Juan Carlos Yáñez. Trabajadores y prácticas recreativas. Otra mirada al mundo del trabajo en América Latina (1930-1950). **Revista Izquierdas**, n. 49, pp. 1895-1911. Santiago, 2020a.

ANDRADE, Juan Carlos Yáñez. **El tiempo domesticado, Chile 1900–1950: Trabajo, cultura y tiempo libre en la configuración de las identidades laborales**. Valparaíso: América en Movimiento, 2020b.

BATALHA, Claudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando; FORTES, Alexandre. **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Valéria Lima. **O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular (1945-1955)**. Rio de Janeiro: Aperj, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Buarque; FONTES, Paulo. **Futebol e mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

JONES, Gareth S. **Languages of class: studies in english working class history, 1832-1982***.* Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LOBATO, Mirta Zaida. SURIANO, Juan. **La protesta social en la Argentina**. Buenos Aires: FCE, 2003.

PASTORIZA, Elisa. **A conquista de las vacaciones: breve historia del turismo em la Argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2011.

PEREIRA, Leonardo. A cidade que dança: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1933). Campinas/Rio de Janeiro: Editora da Unicamp/ EdUERJ, 2020.

PORRINI, Rodolfo. **La nueva clase trabajadora uruguaya (1940-1950)**. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2005.

PORRINI, Rodolfo, “Izquierda uruguaya y culturas obreras. Propuestas al ‘aire libre’: pic-nics y paseos campestres en Montevideo, 1920-1950”. **Revista Mundos do Trabalho**, vol. 3, n. 6, pp. 105-129. Florianópolis, 2011.

PORRINI, Rodolfo. Izquierda uruguaya y culturas obreras. Propuestas al ‘aire libre’: el caso del fútbol (Montevideo, 1920-1950). **Diálogos**, vol. 16, n. 1, pp. 69-95. Maringá, 2012.

PORRINI, Rodolfo. Anarquistas en Montevideo: ideas y prácticas en torno al “tiempo libre” de los trabajadores (1920-1950). **História: debates e tendências**, vl. 13, n. 2, pp 357-371. Passo Fundo, 2013a.

PORRINI, Rodolfo. Las izquierdas y el carnaval: Montevideo, 1920-1950. **Anuario IEHS**, vol. 28, pp. 101-115. Tandil, 2013b.

PORRINI, Rodolfo. Izquierdas uruguayas y algunas experiencias educativas y formativas: Montevideo, 1920-1950. **Educação Unisinos**, vol. 20, n.2, pp.146-154. São Leopoldo: 2016.

PORRINI, Rodolfo. **Montevideo, ciudad obrera. El tiempo livre desde las izquierdas (1920-1950).** Montevidéu: Ed. Universitarias, 2019.

PORRINI, Rodolfo. Formas de la cultura alternativa: las 'veladas' y los festivales de las izquierdas uruguayas (Montevideo, 1920-1950). **Revista Izquierdas**, n. 49, pp. 222-242. Santiago, 2020.

SURIANO, Juan. **Anarquistas: cultura y politica libertaria em Buenos Aires, 1890-1910**. Buenos Aires: Ediciones Manatial, 2001.

Recebido em: 25 de outubro de 2023

Aprovado em: 15 de novembro de 2023

1. Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) e doutorando em história social pela Unicamp. [↑](#footnote-ref-1)
2. Em tradução livre: “ainda está por ser explorada a relação entre metade da classe trabalhadora e o lazer”. Embora o livro seja da década de 1980, o capítulo é a reprodução de uma conferência de 1975. [↑](#footnote-ref-2)